

ARTIGOS

MELUSINAS, SEREIAS E MULHERES-SERPENTES NA LITERATURA SACRA DO SÉCULO XVII*

Mary Lucy Murray Del Priore**

Resumo

Este artigo explora as representações, na literatura sacra do século XVII, sobre sereias e mulheres serpentes e suas relações com a apropriação que é feita pelas camadas letradas, do acervo folclórico das camadas populares.

*"Discinit in piscem
mulier formosa superne"*
(Horácio)

Tempo de pecados

A 20 de agosto de 1644, nascia em Lisboa, de uma ligação irregular entre um pai judeu, João Antunes e uma certa Maria, o padre Manuel Bernardes. Em 1674, aos 30 anos professou na rígida Congregação do Oratório de São Felipe Néri, instalada há seis anos em Portugal e instituição de enorme importância nas reformas pedagógicas realizadas, mais tarde, no Dezoito. A leitura, o confessionário e o público deram-lhe um conhecimento perfeito da sociedade do seu tempo. Com inegável talento literário, Bernardes passou a escrever numerosos tratados

* Numa primeira forma este artigo foi apresentado como conferência no Encontro Regional da ANPUH, em Campinas, 1994. Sou grata ao CNPq cujo apoio vem financiando minhas pesquisas.

** Professora do Departamento de História FFLCH/USP

ascéticos, sermões e guias morais, falecendo - dizem alguns autores, louco - à 17 de agosto de 1710.¹

Apesar de sua colossal erudição teológica e literária, a obra de Bernardes "é a de um cristão simples, sem problemas filosóficos, a quem a vergonha materna, as leituras ascéticas e o confessionalário inculcaram a idéia de que o mundo secular estava profundamente corrompido. Na sua prosa macia, com uma delicadeza eufemística e dir-se-ia que voluptuosa, perpassam abundantes casos que dão da mulher, mesmo da mãe, irmã ou freira, o juízo mais pessimista. Mas ao lado dessa podridão, de cujo contacto ele afasta habilmente a fímbria de sua prosa imaculada, o mundo foi e é sempre, para ele, um teatro de constantes e ininterruptos prodígios miraculosos".²

Mas Bernardes não estava isolado em sua visão de mundo. "*Miracolum multitudo silvescit*" dizia Santo Agostinho numa fórmula que inundara a Europa ocidental e cristã desde o século XVI, alimentando - filhos da razão adormecida - uma massa considerável de textos. Mais do que isso, as aventuras da imaginação, confrontadas aos enigmas do mundo, não cessavam de lembrar que a pobreza da ciência no Renascimento, incapaz de dominar o mundo físico e suas repercussões sobre a precariedade das condições de vida, liberara os homens à todas as erranças do sonho e que as épocas turbulentas favoreciam o despertar das superstições. A idéia de um "mundo corrompido" - como o via Bernardes - encontrava eco na derrota de Alcácer-Quibir (1578), na resistência popular à castelhanização forçada, nas lutas e sublevações rurais e urbanas pela Restauração de Portugal (1637-1640), no ambiente rígido da contra-reforma, numa tradição maneirista que expressava, literária e

¹ *Luz e Color; Nova Floresta (5 tomos); Exercícios Espirituais e Mediações da Via Purgativa (2 tomos) Sermões e Práticas (2 tomos); Vários Tratados (2 tomos); Os Últimos Fins do Homem; Estímulo Prático para Seguir o Bem e Fugir do Mal; Paraíso dos Contemplativos (tradução).*

² SARAIVA, António José e LOPES, Oscar: *História da Literatura Portuguesa*. Porto, Porto Editora Ltda., Livraria Amado Ltda, Coimbra, Emp. Lit. Fluminense Ltda, Lisboa. (11ª. Edição) p.537. As informações sobre a biografia de Bernardes foram extraídas da mesma passagem.

artisticamente, um sentimento de patético, de ascetismo macerado e exaltado misticismo, que veiculava a oposição entre a sublimidade do espírito e o grotesco da carne.

Mas não só. A maneira de dizer o mal estar do mundo apropriara-se da reabilitação de certas tradições folclóricas³ peninsulares: a redondilha maior, os romances populares com tema mourisco, a moda dos adagiários, a intensa literatura oral, manuscrita e impressa dando conta das conspirações aristocráticas e clericais contra D. João IV, a edição em 1644 das *Trovas do Bandarra plenas de sentido messiânico e sebastianista*, ou a circulação de panfletos como o intitulado *Monstruosidades do Tempo e da Fortuna, diário sobre efemérides e prodígios ocorridos entre 1662 e 1680*.

Para Bernardes, tantas convulsões eram mediadas pela graça de Deus, a intercessão dos santos ou da Virgem. Sua afinidade com a mística quietista o fazia crer que a grande maioria das pessoas estava fadada a arder nas chamas do inferno, cabendo-lhe a tarefa de salvá-las. Sua preocupação encontra na prosa narrativa um veículo de comunicação com os fiéis. Ele aí procura apurar um gênero que teve origem na Idade Média, o *exemplum*, ou conto popular, por meio do qual a cultura eclesiástica nutria-se em contacto com a tradição folclórica.⁴

É importante sublinhar que um pouco antes de Bernardes, no século XV, o *exemplum* medieval sofrera uma inflexão. Certos religiosos inflamados pelos movimentos de

³ Sobre o conceito de *folclore*, veja-se o livro de Nicole BELMONT, *Paroles Paiennes – Mythe et Folklore*, Paris, Imago, 1986, no qual a autora visita todas as discussões sobre as possíveis definições de *Folklore*; de William Thoms, inventor do termo, aos *annalistes* como De Certeau e Jacques Revel.

⁴ Sobre os exempla é importante saber que um importante trabalho de erudição e edição de textos foi realizado na segunda metade do século XIX e início do XX; ele é ilustrado entre outros pelos nomes de H. Oesterley, J. Klapper, A. Hilka na Alemanha, A. Lecoy de la Marche na França, A. G. Little e F. Maden na Inglaterra. Esta orientação da pesquisa teve o mérito de chamar a atenção sobre o conteúdo e as origens folclóricas de um grande número de exempla e de fazer a ponte entre esse corpus narrativo medieval e o domínio, de dimensões universais, das tradições orais folclóricas. Ela, ainda, permitiu assinalar as concordâncias eventuais entre os exempla e os "contos-tipo" ou os "motivos" de classificação internacional de Antti Aarne e Stith Thompson.

reforma que então atravessam as ordens mendicantes e pela espera messiânica que sacudia as sociedades⁵, deram um novo élan à pregação popular. Com um agudo sentido do detalhe cotidiano, eles observaram os costumes de seus contemporâneos e fustigavam seus vícios, revitalizando uma tipologia sócio-moral já vista, pelos portugueses, nos autos vicentinos: frades devassos, adúlteras lúbricas, bruxas e comadres aborteiras, mulheres vaidosas, estudantes baderneiros, avarentos, etc. O *exemplum*, cada vez mais vivo e cruel, tomava, assim, a forma oral da linguagem popular. Nomes como Bernardino de Siena, Jacques La Marche, Frei Filippo degli Agazzari, Carlos Borromeu são excelentes representantes desta tendência. Mais tarde, se a austeridade evangélica das reformas do século XVI tende a rejeitar tais auxiliares narrativos muito rudes, a pregação popular continua viva e o cristianismo barroco encontra uma utilização para o gênero, reintroduzindo-o nos sermões ou em coleções de novelas moralistas, dentre as quais, as "obras do Diabinho da Mão Furada" constituiriam um bom exemplo. A emergência da imprensa incentiva o esforço de catequese popular e individual decorrente do Concílio de Trento e livretos com histórias exemplares, impressos em papel barato, in-8* ou in-12*, davam ao público uma versão direta, sem a mediação do pregador, de *exempla* veiculadoras de valores estritamente normativos.⁶

Neste quadro de circulação de valores e modelos culturais, vamos encontrar Manuel Bernardes, narrando, nos *exempla* que usa histórias sobre mulheres que são simultânea e maravilhosamente, sereias ou serpentes.

⁵ Penso aqui em Savonarola e a utilização que deu, no fim do século, aos *exempla*. Veja-se Kruitwagen, B.: "Le 'Speculum exemplorum' entre les maïs de Savonarola a Brescia", in *Miscelanea Giovanni Mercati IV, Letteratura Clássica ed Umanistica*. Cité del Vaticano, 1946, p.209-244.

⁶ Para conhecer melhor esse instrumento de pregação que nasce no século XIII, graças aos franciscanos e dominicanos, veja-se *Prêcher d'exemples - Récits de predicateurs du Moyen Age*, apresentado por Jean-Claude Schmitt, Paris, Stock, 1985.

A “domina inexorabilis”

Desde que Eva comeu o pomo proibido oferecido pela serpente, a Igreja não deixou de considerar a mulher e a serpente como as maiores representações sobre o mal. A abundante literatura misógina publicada desde a Idade Média e o folclore relacionado com o réptil, o atestam. Não menos eloquentes são os exemplos relativos às serpentes, símbolos de Satanás, desde o Velho Testamento. Mais importante ainda, é que tais mulheres-serpentes e sereias representavam uma importante carga pagã. Os três seres reunidos sob a forma de protagonista - a mulher, a serpente, a fada - podiam simbolizar forças naturais vinculadas com a fertilidade dos campos. É significativo o caso da Melusina na legenda narrada por Jean de Arras (1387-1392) cujas intervenções estão sempre em relação com a riqueza surgida da terra. Do mesmo modo deve interpretar-se a fecundidade desta personagem: seus filhos, sem exceção, tem características e defeitos - tanto físicos, quanto morais - que deixam manifesta a condição sobrenatural da mãe. Tampouco deve carecer de intencionalidade a referência ao fato que a metamorfose monstruosa de Melusina se produz ao sábado, ou seja, no dia do *Sabbat*.⁷

Ora, em pleno Barroco, Manuel Bernardes visita o longo imaginário maravilhoso⁸ sobre tais criaturas misteriosas.

⁷ O texto de Jean de Arras ficou conhecido na Península Ibérica graças à tradução impressa por Juan Paris e Esteban Clebat, alemães, em Toulouse, no ano de 1489, com o título de *Historia de la linda Melosina, mujer de Remondin, la cual fundó a Lezinan y otras muchas villas y castillos por extraña manera: la qual ovo ocho hijos los qualles dellos fueron reyes y otros grandes señores por sus grandes proezas*. O texto completo com prólogo de Carlos Alvar foi republicado em Madrid por Ediciones Siruela em 1987.

⁸ Sobre o conceito de **maravilhoso** ver Le Goff, Jacques: *O Maravilhoso e o Quotidiano no Ocidente Medieval*, Lisboa, Edições Setenta, 1983; e a obra DE LE GOFF, J., MARIN, L., PERROT, M. (*et alii*): *Histoire et Imaginaire*. Paris, Poiesis, 1986.

No segundo volume de sua *Nova Floresta* (1708) refere-se a três *exempla* distintos, sobre o mesmo tema:⁹

1*) Aparece sob a rubrica Bens Temporais. Bernardes inspira-se num "caso" narrado pelo grande demonólogo Martim Del Rio¹⁰, segundo esse, acontecido na cidade de Basiléia no ano de 1520 onde "se vê como por cobiça por ouro deu um homem ósculos no demônio e esteve a pique de ir ao inferno".

Um "alfaiate" adentra uma "gruta" ou "caverna subterrânea" onde encontra *"uma donzela formosíssima, com os cabelos soltos e na cabeça, coroa de ouro; mas da cintura para baixo perdida a figura humana, acabava em horrenda e escamosa serpente...E logo, tirando do pescoço um molho de chaves que trazia abriu com uma delas um escritório e tirou grande quantidade de várias moedas de ouro antigas, de ouro e prata, e também de cobre, das quais deu não poucas ao tal homem...E começou depois a contar-lhe, com grande sentimento, como ela, sendo filha de reis e muito estimada por seu alto sangue e singulares prendas de discrição e formosura, depois por certas causas fora antigamente transformada naquele meio monstro que via, à força de conjuros e imprecações da arte mágica, e que sabia, segundo a fórmula do encantamento, que nenhum remédio havia para tornar à sua primeira figura se não o de receber três ósculos de algum mancebo também virgem, porque feita esta circunstância e diligência se desposaria com o seu libertador, dando-lhe em dote o grande tesouro que naquele lugar estava escondido e destinado para aquele ditoso que por este modo a*

⁹ A obra em questão intitula-se *Nova Floresta ou Silva de vários apotegmas e ditos sentenciosos, espirituais e morais, com reflexões em que o útil da doutrina se alia com o vário da erudição, assim divina, como humana*. Os 5 volumes foram publicados entre 1706-08-11-26-28. Este gênero - coleção de apotegmas e contos exemplares - tinha já diversos modelos clássicos e cristãos. Seu maior representante em Portugal, antes de Bernardes é Gonçalo Fernandes Trancoso, autor de *Contos e Histórias de Proveito e Exemplo* (1575). Embora apoiados no conhecimento de contos internacionais, como os de Boccaccio, - diz Menendez Pelayo - Trancoso se teria nutrido mesmo no folclore popular português.

¹⁰ Del Rio, Martim: *Disquisitionum Magicorum*, livro II, q.12, no 10.

desencantasse...". O alfaiate atende por duas vezes ao pedido da mulher-serpente, assistindo, depois, a sua metamorfose em um ser tão horrendo "que temeu o despedaçasse", recusando-lhe o terceiro ósculo. Moral da estória: "*a cobiça humana chega a tal excesso que até mesmo no inferno, busca ouro*".

2*) Aparece sob a mesma rubrica. Trata-se de um gancho para deixar o autor discorrer sobre as Mouras encantadas e intitula-se: "*Sobre o dito caso e corolário acerca das que o vulgo chama "Mouras Encantadas"*". Numa introdução de caráter "histórico", o pregador atribui a presença mourisca em Portugal à traição perpetrada pelo conde D. Juliano em vingança da desfloração de sua filha Florinda; junto com os mouros, "avarentos e amigos de enterrar dinheiro", teria vindo a tradição da feitiçaria e dos tratos com o demônio. Tais tratos se traduziriam a pactos feitos com o diabo para que esse guardasse seus tesouros. As almas de mouros e mouras, em figura humana ou na de cobra, ficariam pairando sobre os esconderijos, com o fito de proteger o ouro ali enterrado. Seu *exemplum* é extraído de um auto civil, sendo, pois, descrito como um "fato", o que lhe dava extraordinária legitimidade. Data de 16 de maio de 1653 e teria se passado na vila de São Romão, comarca da cidade da Guarda. O auto, do ouvidor Simão de Paiva narra a descoberta de umas peças de ouro, realizada por um certo Pedro, natural da mesma vila:

"E que, sendo domingo de Lázaro, trinta do mês de março, do ano presente, a que horas o sol ia se pondo, caminhando ele para um moinho que foi de Manuel Tavares, com um sarrão de pão para o dito moinho, chegando a um barrocal que chamam os Apriscos (que é no têrmo da dita vila) e saindo-se do caminho para o dito barrocal a uma necessidade, ouviu como um rugido de couro roçado por pedra e, olhando para onde soava, viu uma cobra do

comprimento e grossura de um moço de doze anos, com a pele e rosto e mais feitio de cobra, e sómente lhe pareceu que tinha na cabeça, cabelos de mulher, louros e formosos, de comprimento de um palmo, nédios e não crespos, a qual cobra estava sobre uma pedra meia enterrada que mostrava descoberto mais de três varas e lhe parece que era pedra imóvel, a qual tinha uma das partes uma greta grande, ou abertura, que lhe parecia por dentro ser dourada ou de ouro. E por a cobra fazer uma demonstração para a terra, que está junto do dito penedo, ele Pedro, assim atemorizado e confuso da visão, olhando para onde a cobra fazia a dita demonstração, viu como coisa de ouro enterrado na terra. E neste somenos recolheu-se a cobra naquela greta, deixando porém a cabeça de fora, virada para ele Pedro. E logo, tirando de uma faca, à vista da mesma cobra, que tinha nele postos os olhos, foi descobrindo terra onde vira luzir o dito ouro; e achou logo uma argola artificial do feitio de azelha de cabeceira de contador, caixão ou escritório...E continuando com a dita argola, achou mais outras duas do mesmo feitio e grandeza, umas sobre as outras...E acabando de tirar as ditas argolas, olhando para onde a cobra estava com a cabeça fora da dita abertura, a não viu, ou antes viu que a dita abertura estava tão fechada como se ali nunca houvera mais que a mesma pedra toda maciça, como até hoje se vê. E, passado isto, se foi andando com as argolas na mão para o dito moinho, com o sarrão de pão às costas, sendo já noite fechada. E dormindo no dito moinho aquela noite, tornou ao outro dia, já sol saído, pela mesma parte onde o caso lhe acontecera; e olhando para a pedra onde

vira de antes sumir-se e esconder-se a cobra, vira sobre a dita pedra um vulto de mulher, que lhe pareceu de rosto muito branca e formosa, e os olhos pretos, e com os cabelos do mesmo feitio e postura e cor que tinha visto na cobra, e lhe pareceu que tinha sobre a cabeça um volante muito raro e transparente, com listras negras. A qual visão disse para ele Pedro, com fala delgada, como de mulher, em língua portuguesa: Não te pudeste ter sem dizer aos pastores o que achaste? E, respondendo-lhe ele Pedro que não tinha algibeira onde esconder as argolas, lhe disse a dita mulher: Metere-las entre o couro e a camisa. E logo desapareceu a dita mulher, sumindo-se no dito lugar, como se não estivesse nela nada. Do que ficou ele Pedro sobressaltado e atemorizado e para desmaiar".

Bernardes explica que as tais argolas ficaram em poder do prior da dita vila de São Romão, tendo sido pesadas e constatado o seu peso em ouro. E ele conclui, didático: "Está claro que a cobra e a mulher tudo era o mesmo, isto é demônio, que tentava urdir algum de seus costumados embelecões, por meio daquele ouro que devia ser de algum depósito ou tesouro antigo".¹¹

3*) Aparece sob a rubrica Avareza. Inspirado num exemplum narrado por Johann Weyer em seu *De praestigiis daemonum*, Bernardes introduz a imagem da mulher-sereia, em muito inspirada na Melusina de Jean de Arras:

"Em Sicília certo mancebo, robusto e animoso, e grande nadador, saíra a prima noite a banhar-se no

¹¹ Esses dois exempla foram extraídos da Nova Floresta publicada em 1949 por Livraria Lello e Irmãos, Porto e Aillaud & Lellos Ltda., Lisboa. Tomo II, pp. 271-277.

mar, por despicar-se, com este refrigério, das calmiás do dia. Começou, pois, a brincar lascivamente com as ondas e a lavar-se, porventura com menos temperança do que pedia a presença de Deus...Eis que a luz da lua (...) viu que atrás de sí vinha nadando outra pessoa, e que pegando dele, o procurava mergulhar como por zombaria, do modo que o costumam fazer os muchachos (...) Lançando-lhe, pois, a mão aos cabelos, a foi levando para a terra onde, saindo, reconheceu que era mulher, e por extremo formosa. (...) Assentados ambos na praia, mas ele sem soltar os cabelos, perguntou-lhe: Quem és? Não respondeu. Como te chamas? Não respondeu. Onde vieste e quem veio aqui contigo? Perseverava muda. Perseverava muda. Instou com várias perguntas, molificadas com carinhos, (sem resposta). Levou-a depois para casa, coberta com a sua capa (deixê-mo-lo que depois saberá o que leva) não se contentando com menos que com recebê-la por sua mulher, achando que, sobre a sua rara formosura, bem raro era o dote de saber calar e não lhe cochecerem parentes. E a seu tempo teve dela um filho mui lindo com que vivia contente da eleição que fizera; e já não reparava no perpétuo silêncio de sua consorte, atribuindo a defeito natural com que havia nascido.

Sucedeu, pois, que um dia, vindo a visitá-lo um amigo seu, homem douto e prudente, lhe perguntou, a propósito do que conversava, de que pátria e geração era sua mulher. "Até agora (respondeu ele) não o sei, porque a pesquei no mar, como enguia" (Conta, então, ao amigo "o que passou"). De que admirado, o amigo rompeu dizendo: "Pelo que eu vejo, esta não é mulher, mas demônio em figura dela

(...) uma mulher-peixe (...) Bons açoites nela, e logo o tirará fora, e veremos claro o embuste". O pobre marido, ouvindo estas palavras, ficou como quem começa a acordar de um pesado sono. E logo, entrando em cólera, pegou de uma adaga nua, e ameaçou a mulher mandando-a que falasse. E, murmurando ela entre dentes umas semi-palavras bárbaras, que não se deixavam entender, ele lhe intimou que, se não respondesse claramente, lhe havia de apunhalar o filho diante dos olhos. Então se abriu mais dizendo: "Ai de tí, miserável! que por obrigar-me a falar, perdes uma mulher que te estava bem. Contigo ficava, se permitisses que observasse o silêncio que me encarregaram; mas já agora não me verás mais. Acabar estas palavras e desaparecer desfeita em vento, foi o mesmo. Deixa-se à nossa ponderação o assombro em que este homem ficou e viveu dali por diante."

Quanto ao filho, explica Bernardes que este "*foi crescendo em anos e seguindo os costumes do pai, quando um dia andava nadando com outros, veio de repente aquela mesma sereia e, à vista de todos, o levou consigo, onde nunca mais foi visto*". Deixou a dúvida de se era um íncubo ou súcubo. Quanto à mãe, tratava-se de uma "*ninfa potâmide ou nerina, que a gentildade venerava*".¹² Um exemplar da "*inumerável multidão de espíritos malignos (Rectores tenebrarum harum, como dizia*

¹² LECOUTEUX, Claude: *Mélusine et le Chevalier au Cygne*, Paris, Payot, 1992, p. 29 comenta que tal passagem estaria citada por Geoffroy d'Auxerre em seu *Commentaire de l'Apocalypse*, mais exatamente numa passagem de seu décimo quinto sermão, escrito entre 1187 e 1188 e revisada entre 1189 e 1194. Um padre que teria acompanhado a filha do duque de Borgonha numa viagem a Sicília teria contado a Geoffroy praticamente a mesma estória. Nele, a "moura" é uma ondina como em quase todos os contos envolvendo fadas neste período. A ancestralidade do motivo é, pois, medieval.

*o apóstolo) que ocupam este miserável mundo e em todo o lugar procuram enganar e fazer mal ao homem”.*¹³

"Diabolos"

Em nota a uma passagem a Dona Branca, Almeida Garret¹⁴ diz o seguinte: "É crença popular entre nós, que na noite de São João todos os encantamentos se quebram: as moiras encantadas, que ordinariamente andam em figura de cobras, tomam nessa noite sua bela e natural presença e vão por-se ao pé das fontes, ou a borda de regatos a pentear os seus cabelos de oiro. Os tesouros sumidos no fundo dos poços vêm a tona de água, e mil outras mil maravilhas sucedem em tão milagrosa noite". De Bernardes a Garret, as mouras se deslocam das entranhas da terra, para às águas dos rios e fontes, às margens das quais, se penteiam. Quando se deu tal transição, não se sabe. Contudo é fato que durante a época Moderna elas ainda não equivaliam às *nixen* germânicas, as *lac-ladies* inglesas, as *naiádas* gregas, ou às *rusálki* eslavas, como aparecem, posteriormente, no *folklore*.¹⁵ No segundo quartel do século XIX, entre 1878 e 1882, Zófimo Consiglieri Pedroso (1851-1910) publicou fragmentos extraídos de processos setecentistas da Inquisição de Lisboa que endossam a mesma utilização, de um imaginário peculiar aos séculos XVII e XVIII, feita por Manuel Bernardes em seus exempla. Diz o excerto de um desses processos:

*"Prometia também (o réu, Francisco Barbosa)
descobrir tesouros e minas de muitas léguas, e*

¹³ Este *exemplum* encontra-se em BERNARDES, Manuel: op.cit. vol. 1, título X, pp. 483-484.

¹⁴ *Dona Branca*, canto III, 3. Citado por PEDROSO, Consiglieri: *Contribuições para uma Mitologia Popular Portuguesa e outros Escritos Etnográficos*. Lisboa, D. Quixote, 1988.

¹⁵ Veja-se este tema em GRIMM: *Deutsche Mythologie*, 4a edição. I, 406 *et passim*.

dizendo-lhe certa pessoa que para isso poderião conduzir muito alg_as palavras que referia, o Reo lhe respondeu que para o intento só servia um livro que tinha; convidando logo para esta empresa muitas pessoas de ambos os sexos, segurando-lhes que dentro do Mineral acharião doze Mouros ricamente vestidos com seus espadins nas mãos, e outras tantas Mouras muito bem adereçadas, com sayas bordadas, e muitas pessos de ouro, e diamantes, o que tudo se havia de repartir entre o Reo e sua comitiva; e que depois de despojados os Mouros cahirião por terra reduzidos a cinza, e entrarião a repartir entre sí copiosíssimos thesouros".¹⁶

Disse (Rosa Maria) que haveria dous anos e meio, estando assistente na vila do Gavião Priorado do Crato, e saindo um dia com seu marido ao campo buscar lenha, entrando a cavar para arrancar algumas sepas, achou duas pedras que lhe pareceram duas pias muito mal feitas, e vendo que aquelas pedras eram estranhas naquele sítio; por não haver qualidade alguma de pedras; entrou na consideração de quem as poria naquele lugar e para que serviriam. E lembrada de ter ouvido a várias pessoas, que naquele lugar haviam muitas Minas do tempo dos Mouros; teve pensamento se serião as ditas pedras sinal de alguma Mina, ou se teriam servido para no seu vão se meter algum dinheiro, ou pedras preciosas; e recolhendo-se para casa com esta lembrança a comunicou a certas pessoas (...) referindo cada huma sucessos de Minas que tinham ouvido dizer se acharam naquele sítio e de haver

¹⁶ INQUISIÇÃO DE LISBOA - Proc. ms. no 4222, ANTT.

nelas Mouros encantados...e por essa lembrança entrou a afirmar...que sonhara havia naquele sítio uma mina com muitas riquezas; e que nelas estava um Mouro e uma Moura encantados". Sobre os cabelos da dita moura, "estes, diz a mulher (a ré) são como fios de ouro cahidos pelas costas abacho".¹⁷

Nestes dois documentos as "mouras encantadas" aparecem como guardadores de tesouros escondidos que a imaginação popular representa como existentes nas entranhas da terra; por isto mesmo Bernardes a utilizou para atacar o pecado do apego aos bens materiais. Sublinhe-se, contudo, que as "mouras" só aparecem em conjunção com o elemento úmido: seja o centro da terra, ou poços e fontes. Seu caráter de divindade frumentária está associado à natureza fecunda representada pela água.

¹⁷ Em outro processo da *Inquisição de Évora* (1743), o réu Domingos Alvares, homem preto, natural da Mina, morador do Rio de Janeiro confessa "persuadir pessoas de que havia tesouros enterrados" e que falava com os mouros encarregados de guardá-los; o mais interessante é que repete-se no seu relato a mesma cena descrita por Manuel Bernardes. Devo a extrema generosidade de Laura de Mello e Souza o documento aqui citado:

"dizendo que na sua fazenda tinha vários tesouros enterrados e que estes tinham vários mouros de guarda e que tinha falado com eles e que uma moura que estava de guarda a um pote de ouro lhe dissera a ele Domingos Alves que tomara ela que ele a desencantasse por que desejava ir para a sua terra mas que também havia de desencantar uma filha sua que estava de guarda em outro pote junto a ela e que também ali assistia o seu marido infamado, e que naquela ocasião não estava ali porquanto tinha ido a dar com outros mouros que estavam em outro encanto que havia na mesma fazenda e que entre estes havia um mouro meio homem, meio serpente e que para desencantar este mouro havia ele dito a Domingos Alves esperar tantos beijos e abraços para haver de desencantar-se no que ele punha grande dificuldade pelo horror que lhe fazia e temia que o abraçasse porque o havia apertar muito, mas com efeito se resolveu ir uma noite solitário levando um filão de fogo para o dito efeito onde esteve grande parte da noite, vindo enfim desculpando que não pudera fazer nada por causa de sentir gente que andava apascentando gado pela dita fazenda" (174...)

Estudando o imaginário popular sobre tais personagens, Pedroso observa que há uma inflexão entre a crença nas mouras-guardadoras-de-tesouros-nas-pedras e àquelas que penteiam-seus-cabelos-nas-fontes. Enquanto entre germanos e eslavos os gênios associados aos tesouros escondidos na terra teriam um caráter maléfico, na tradição portuguesa esse traço não aparecia.¹⁸ Ele também confirma a forma de cobra com cabelos louros em vários dos relatos coletados: "numas pedras ao pé da Igreja de S. Cristovão de Mafamude (Porto) dizem que anda uma moura encantada numa cobra muito grande. As pessoas que a viram afiançam que ela tem na cabeça cabelo como uma mulher"; "Estas mouras são gente da cintura para cima e serpente da cintura para baixo"; "quase não há fonte no País onde não esteja localizada uma tradição de moura encantada, ora em forma de gentil donzela que promete tesouros e riquezas inesgotáveis àquele que lhe quebrar o fadário".¹⁹

A presença de "mouras encantadas" tanto no adagiário e no folclore do século XIX, quanto nos processos da Inquisição portuguesa, levam esse autor a concluir que "nos séculos XVII e XVIII a crença nestas entidades míticas era, do mesmo modo que hoje, geral em todo o país".²⁰ Poderíamos mesmo afirmar que desde o século XI a Igreja quebrava lanças contra estas antigas tradições profundamente enraizadas entre o povo, que mesmo convertido, recusava-se a crer na danação eterna de seres benfazejos a quem tantas vezes havia pedido socorro.²¹

A ponte entre Bernardes e a "crença" nas mouras encontraria explicações:

¹⁸ A tradição encontra-se também na vizinha Espanha: o Livre des Gloses, escrito em 750 reproduz a idéia já presente no mais popular bestiário medieval, o Physiologus: "Physiologus dit de la vipere qu'elle a le visage d'un homme et femme jusqu'au nombril; le reste de son corps ressemble à la queue d'un crocodile". Citado por Lecouteux, C.: op.cit., p. 55. Sobre o assunto, veja-se também seu Drachenkopp, IN Euphorion, 72, (1978), p.339-343.

¹⁹ Op.cit., pp. 218 à 226.

²⁰ Op.cit., p. 226.

²¹ Empresto aqui uma idéia a Lecouteux, Claude: op.cit., p. 53.

A) na própria cultura do seu tempo em que assistiu-se a emergência do romance popular inspirado em temas mourisco e no folclore.²² O desenvolvimento da literatura de cordel entre os séculos XVI e XVIII, teria ajudado a fazer circular tais temas. Os rimances - explica Antonio José Saraiva²³ - são obras de arte complexas, que têm uma existência oral. A palavra rimance existe desde o século XV e deriva da etimologia popular de rima; sua característica essencial é o verso rimado. Seu público tanto é, camponês e rural, quanto, aristocrático e urbano. Nesta forma literária, o tema da luta contra os mouros e a presença da cultura mourisca sempre foram constantes. Tomemos como exemplo uma gesta breve mandada compor por Henrique IV, depois de uma incursão vitoriosa contra Granada: no rimance ele conta o desenrolar dos acontecimentos e a feliz vitória. Outro exemplo, é um rimance extraído da vida do Cid, herói nacional das Espanhas, conquistador de Valência. Em Portugal, ele aparece como D. Alcidro; a passagem conta a estória do rei mouro que lamenta-se da perda de Valência e pretende reavê-la. A filha de Cid que o ouve, vai prevenir o pai e este manda-a entreter o mouro enquanto se prepara para atacar. A filha faz-lhe o namoro, mas arrepende-se de sua falsidade e avisa-o que seu pai vai chegar. Ou ainda, a estória de Valdevinos ou Dom Gaifeiros, que vai a mourama raptar a mulher cativa. Estes entre outros rimances contribuíram para manter viva a presença do mouro na literatura popular. Tal literatura tem completa visibilidade na obra de Bernardes

²² Gilberto Freyre em seu clássico *Casa Grande e Senzala*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1933, explora no capítulo III, "O colonizador português, antecedentes e predisposições", a enorme influência mourisca na cultura portuguesa do século XVI. Diz ainda o autor ao comentar as características gerais da colonização: "O longo contacto com os sarracenos deixara idealizada entre os portugueses a figura da moura-encantada, tipo delicioso de mulher morena e de olhos pretos envolta em misticismo sexual - sempre de encarnado, sempre penteando os cabelos ou banhando-se nos rios ou nas águas das fontes mal assombradas". Equivoca-se, todavia, com a descrição física das mesmas, vistas na documentação do Dezoito, como mulheres claras de cabelos dourados.

²³ *A Cultura em Portugal*, Lisboa, Livraria Bertrand, 1981.

b) Sobre o primeiro *exemplum* vale realçar que esse traz uma pequena nota de rodapé, atribuindo o fato à uma passagem de Martin Antoine Del Rio (1551-1608). O célebre demonólogo e autor do enciclopédico *De Disquisitionum Magicorum* (1599) nasceu de família nobre em Antuérpia, Bélgica, filho de pai castelhano e mãe aragonesa. Aos vinte e quatro anos foi feito Vice-Chanceler do Brabante e em 1580, ingressa na ordem jesuíta, tendo vivido em Valhadolid, Liége, Louvain, Salamanca e Estíria.

A proveniência ibérica de Del Rio o coloca em estreito contacto com o repositório de imagens sobre mulheres-serpentes, incluindo-as no livro II de sua obra sob a rubrica "magia diabólica"²⁴. Ora, durante longos séculos da História ocidental, eruditos como Del Rio, Bodin, de Lancre, Maldonado ou Rémy julgavam constituir-se num seu dever, explicar a verdadeira identidade do demônio, aos simples e humildes: entre o homem e Satã haveria uma guerra desde o início do mundo e este tenta de várias maneiras prejudicar a sua infeliz vítima terrena. Melhor dizendo, nada nem ninguém pode escapar a ação do mestre infernal e de seus anjos malditos. "É preciso saber, diz Del Rio, que os demônios podem operar de três maneiras, seja, imediatamente por movimento local, seja mediamente aplicando por verdadeira alteração as coisas ativas às passivas, o que é doutrina comum dos teólogos, seja maravilhando o sentido de suas ilusões." A lista dos poderes do demônio é longa e inquietante e eruditos como o jesuíta belga esforçaram-se para agrupar num conjunto coerente, as bases da ciência demonológica.

Del Rio situa a sua mulher-serpente numa caverna, pois acreditava, textualmente, que Satã "conhece todas as riquezas do solo, todas as riquezas, submersas no mar, todas as minas de ouro e prata, todos os esconderijos de pérolas e pedras

²⁴ Agradeço a Laura de Mello e Souza as informações sobre este reconhecido demonólogo.

preciosas, e pode tudo isto pegar pois não há ninguém que lhe ouse ou possa resistir".²⁵ A imagem da mulher bonita com corpo de cobra encontra-se também nos vários capitéis quatrocentistas de Moissac, Vézelay, Saint-Benoît-sur-Loire ou em telas de Bosch, Manyn, Patinier, Breughel, hábeis em retratar detalhes monstruosos.

Ao incorporar a estória de Del Rio, Manuel Bernardes está se apropriando de toda uma tradição erudita, elitista e trágica. Aliás, ele faz o exemplum de Del Rio anteceder seus comentários sobre as mouras-encantadas, para associar a interpretação do famoso demonólogo, à sua. Por aproximação e metonímia ele consegue tal efeito. Ao demonizar os guardadores de tesouros, ele investe contra a tradição lusa de ver, nas mouras encantadas seres não daninhos e protetores de riquezas. Bernardes subverte este sentido original, dando-lhe outro, novo e doutrinal: o mouro é satânico, seu apego aos bens materiais é pecado, apenas a capacidade satânica em metamorfosear-se explica os relatos considerados absolutamente fidedignos por Bernardes e seus contemporâneos.

c) O terceiro exempla é extraído da obra *De Praestigis Daemonum* de Johann Weyer (1515-1588), protestante brabantino, ex-aluno de Cornélius Agrippa, tutor dos filhos de François I de França, com quem viajou à África e à Creta. Foi o primeiro demonólogo a questionar a caça às bruxas, opondo-se à Jean Bodin ao explicar que simples camponesas não eram feiticeiras, mas inocentes úteis alucinadas pelas maquinações do Demônio. A peculiaridade de suas idéias reside no fato de que aceitava como verdadeiras, as mais incríveis lendas: do Flautista de Hamelyn à esta Sereia siciliana. O que vale aqui sublinhar é a idéia central deste texto com a mais atrativa das lendas medievais, a de Melusina. Com raízes no século XIII, a lenda de

²⁵ IN DEL RIO, M.: *Les Controverses...*, p.145-147. Apud. DELUMEAU, Jean: *La Peur en Occident*, Paris, Arthème Fayard, 1978. Vale a pena dar uma olhada no capítulo VII do mesmo livro intitulado: "Satan".

Melusina penetra na Flandres, onde Weyer a teria conhecido, graças a um manuscrito, inspirado no texto de Arras e encontrado em Bruges, datado de 1467. Em 1491, imprimiu-se em Anvers uma primeira versão flamenga, da lenda. A sua estória, tal como a narra Jean de Arras é formada por três núcleos distintos: encontro de um ser sobrenatural e outro, humano; benefícios que obtém o humano se respeitar a proibição que lhe faz o súcubo e as calamidades que lhe ocorrem ao cometer a transgressão; por fim, regresso do ser sobrenatural ao seu mundo, com forma de serpente, como consequência de uma infração.

O texto de Weyer adaptado por Bernardes filia-se a uma enorme tradição de mitos estudados por Kohler cujas características são as seguintes: "um ser de outra natureza se une a um homem e depois ter tido uma vida humana comum, desaparece quando ocorre determinado acontecimento". A variação está na natureza do fato que causa o desaparecimento. Em geral, tal acontecimento é a revelação da natureza deste ser mágico. Stith Thompson em seu *Motif-Index of Folklore* permite encontrar Melusina sob várias rubricas²⁶, entre as quais a de "tabu", "lamia", "serpent damsel", "Echidna", "serpent with human head", "mulheres e homens-peixe", "sereia casa-se com homem", etc.

Egressa do domínio das camadas sociais superiores e da cultura erudita, pois que personagem dos textos de Paracelso e de Rabelais entre outros, ou disputando atenções com livros afamados como a *Otia Imperialia* de Gervais de Tilbury, na biblioteca do Duque de Berry, a lenda de Melusina invadiu novos quadros espaciais e temporais. Conhecida em todo o ocidente e

²⁶ Para entender melhor a discussão sobre os aspectos estruturais e linguísticos dessa lenda ver LE GOFF, Jacques: "Mélusine maternelle et dédricheuse", IN *Pour un autre Moyen Age - Temps, travail et culture en Occident 18 essais*, Paris, Gallimard, 1977, pp. 309-331. Veja-se também Lecouteaux, Claude: *Fées, Sorcières et Loup-Garous au Moyen âge*, Paris, Imago, 1992, capítulo I, "Le Double et les Fées".

parte integrante do repertório popular que dela se apropriara pela transmissão oral como provam as confissões ao Santo Ofício, fecundou a prosa sacra no período barroco. Temperamento inquieto, crendo-se cercado de todos os lados por perigos reais e imaginários, ou submetido, de maneira constante à invasão do sobrenatural, Bernardes tenta integrar a *mirabilia* ao universo da realidade e do conhecimento, para cristianizá-la. Se no século XII, como explica Le Goff, essa lenda deu legitimidade, a um grupo de pequena e média aristocracia francesas e à sua peculiar cultura, no século XVII luso quê função teria Melusina?

Algumas hipóteses

Como bem demonstrou Wilson Martins²⁷, em Portugal em pleno século XVIII, vicejavam ainda estruturas mentais medievais. Melusina é, pois, um produto cultural que não submerge à vaga literária franco-italiana clássica, característica dos fins do século XVII, vaga essa que gradativamente banirá a imagem de um mundo de insegurança e medo, comandado por um Deus terrível e vingador. Ao contrário, ela continuava a contribuir para o fortalecimento do cristianismo luso, ainda inspirado no *contemptus mundi* e na crença da presença demoníaca. E mais: quando no resto da Europa ensejava-se a obliteração e desnaturalização de práticas culturais populares pela erradicação do que Jean Delumeau chamou de cristianismo folclorizado, em Portugal observa-se a afirmação de um imaginário peculiar, saído da tradição folclórica ser colocado a serviço da Igreja e da sociedade.

Outro ponto a destacar é que graças à retórica barroca, utilizada por Bernardes, onde a arte de persuadir e comover era uma forma de falar com Deus, a sinuosa figura da mulher meio

²⁷ Martins, Wilson: História da Inteligência Brasileira, São Paulo, T. A. Queiróz Editor, 4ª edição, 1992, Vol. I (1550-1794) veja-se especialmente o capítulo "A rejeição do mundo", p. 213.

réptil, meio peixe, prestava-se a este "dizer, fazendo ver", tão caro ao período. Para ele, a fada-serpente existe; é preciso dar-lhe, a qualquer preço, um sentido. A razão, para servir a imaginação barroca aceita tornar-se, ela mesma, desrazão.

Bernardes, como tantos outros pregadores da Reforma católica reelabora um legado que já se tornara popular - basta consultar os processos da Inquisição - não interferindo diretamente sobre o seu sentido original - as mouras guardadoras de tesouros - mas interditando alguns dos significados originais (proteção, auxílio, etc.) que ele tinha para as classes subalternas.²⁸ Como o moralista que era, Bernardes, veicula através de seus *exempla* sobre as mulheres sereias e serpentes, uma ideologia de submissão e de passividade que não é apenas um retrato da fé transmitida, mas uma moral de vida cotidiana.

Some-se a isso o fato que o século XVII é o período de grande fulminação eclesiástica sobre as mulheres. Segundo Pierre Darmon²⁹, vários fatores explicam esta singularidade. As Reformas, católica e protestante ao introduzir um elemento de maior austeridade contra os mores, ativaram, provavelmente, mecanismos de introjeção e culpabilização, acirrando a misoginia latente na sociedade ocidental cristã; a difusão do livro pode, por seu lado, ter assegurado a multiplicação de fobias que pontuaram grande parte do discurso patológico.³⁰ Nessas condições e especialmente em Portugal, a mulher tornara-se o alvo privilegiado dos pregadores que subiam aos púlpitos e que encontravam em sua exagerada lascívia, concupiscência e materialismo, pretextos particularmente incisivos para atacá-

²⁸ Veja-se sobre apropriação de legados populares o artigo clássico de Le Goff, Jacques: "Culture ecclésiastique et culture folklorique au Moyen Age: saint Marcel de Paris et le dragon" in op.cit., pp. 236-279.

²⁹ Em *Mythologie de la femme dans l'Ancienne France*, Paris, Seuil, 1983, o autor discorre sobre as feições da misoginia na época moderna e sobre as variações na maneira de "dizer" a inferioridade feminina para torná-la mais real nos mores e nas leis.

³⁰ Em *Le temps des Reformes*, Paris, Fayard, 1975, Pierre Chaunu dedica um longo capítulo ao papel da imprensa e do livro para o sucesso da reforma católica.

las.³¹ Capturada em sua negatividade, a mulher era, pelo menos, suspeita de possuir uma natureza obediente ao demônio, e mais comumente era considerada um ser perigoso.³² Seu travestimento em sereia ou serpente é um ensaio de "domesticação", uma tentativa de assimilação da ficção em alegoria.

Mas esse esforço de dissimulação trai a intenção de seus autores. Além de alimentar o significado que teria originalmente para o acervo imaginário da cultura popular, Melusina, meio serpente, meio fêmea-diaba, não podia personificar melhor, no "mundo corrompido" em que vivia Bernardes, uma idéia aparentemente estrangeira aos dirigentes da cultura letrada seiscentista, para quem o gênero definia o sexo e que via homens e mulheres "arrumados", segundo seus graus de perfeição metafísica ao longo de uma escala cujo ápice era ocupado por Adão: a de que a mulher não era diferente do homem.

³¹ Veja-se o meu livro *Ao Sul do Corpo: Condição Feminina, Maternidades e Mentalidades no Brasil Colônia*, RJ, José Olympio, DF, EDUNB, 1992, especialmente a terceira parte, onde discorro sobre sermões luso-brasileiros nos quais a identidade maligna da mulher e sua associação com a serpente, é recorrente.

³² Vale a pena consultar as obras de BRIGGS, K. M.: *The Fairies in Tradition and Literature*, London, Boston and Henley, Routledge & Kegan Paul; bem como os estudos clássicos de Pierre SAINTYVES, reunidos pela Editora Robert Laffont em 1987, (*Les Contes de Perrault et les récits parallèles, En marge de la Légende Dorée, e Les reliques et les images légendaires*) para se dar conta de como esta tradição tem vínculos com velhas narrativas sobre lendas e costumes.



MATRIZ DE TIRADENTES
Retábulo da Nave Central
Talha século XVIII

Foto: Professor Célio Macedo Alves.

Local: Minas Gerais.

Melusinas, sereias e mulheres



MATRIZ DE TIRADENTES

Igreja de Santo Antonio

Figura do Coro

Talha século XVIII

Foto: Professor Célio Macedo Alves.

Local: Minas Gerais.



FOLHA DE ROSTO DO LIVRO
PHISICA CURIOSA

Foto: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BNRJ).

Obs.: A melusiana se encontra no canto inferior esquerdo desta ilustração.

SACRED LITERATURE IN THE 17th CENTURY

Abstract

This article explores the literary representations of mermaids and snake-women, during the XVIIth century and its relationship with the use that is made by the literate elite groups of the popular traditional culture.